

**“Não mais governos, nem reis!”: a literatura rebelde e libertária de Angelo****Bandoni***Bruno Corrêa de Sá e Benevides*

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO. Graduado em História pela mesma instituição (UNIRIO).

**Resumo**

Este artigo busca resgatar os textos poéticos confeccionados pelo militante anarquista de origem franco-italiana, Angelo Bandoni, durante os anos em viveu no Brasil, mais especificamente no Estado de São Paulo (1900-1947). Nesse sentido, por meio da leitura de poesias publicadas por Bandoni na imprensa libertária paulista, pretende-se ressaltar a importância concedida por este militante a esse gênero literário a partir da função que tais práticas exerceram enquanto estratégia de propaganda anárquica.

**Palavras-chaves:** Angelo Bandoni. Propaganda anarquista. Poesia. Cultura Libertária. Anarquismo.

**Abstract**

This article seeks to rescue the poetic texts made by the anarchist militant Franco-Italian origin, Angelo Bandoni, during the years he lived in Brazil, specifically in São Paulo (1900-1947). In this sense, through the reading of poems published by Bandoni in the São Paulo libertarian press, it is intended to emphasize the importance granted by this militant to this literary genre from the function that such practices exert as a strategy of anarchic propaganda.

**Keywords:** Angelo Bandoni. Anarchist propaganda. Poetry. Libertarian Culture. Anarchism.

## Apresentação

*Numa bela noite, apareceu Angelo Bandoni. Trazia no bolso do paletó volumoso catatau de folhas de papel almaço dobradas (...). Ele que sempre improvisara — e era famoso por isto — desta vez preferira escrever, pondo no papel o que lhe vinha do coração.*

*Tivera muito trabalho na redação, empregara frases fortes(...). O discurso saíra a seu gosto (...). No correr do tempo, Bandoni releu muitas vezes sua “obra-prima”, encalhada numa gaveta; aproveitava então para burilá-la, mudando uma palavra aqui, um adjetivo ali...*

*Bandoni tomou impulso, pediu silêncio. Levantou-se, puxou do bolso o calhamaço de papel, colocou os óculos e em tom oratório (...) iniciou a leitura. Comovido com as próprias palavras, interrompia-se de vez em quando para enxugar suor e lágrimas, limpar as lentes embaçadas dos óculos, assoar o nariz (GATTAI, 1994: 179-180).*

Diversos foram os textos literários proferidos e publicados por Angelo Bandoni ao longo do período em que residiu no Brasil. Encontramos, durante a pesquisa que originou este artigo, inúmeras publicações na imprensa anarquista contendo suas poesias. O objetivo era único: propagandear o anarquismo. Mas como veremos neste trabalho, diferentemente de outras formas de manifestações da cultura libertária, a estrutura poética possui uma dupla proposta, ambas de caráter pedagógico: informar e educar o público – em geral trabalhadores, e não apenas a respeito dos ideais anárquicos; e uma segunda que seria propagar questões filosóficas e muitas vezes notícias da conjuntura política nacional e estrangeira.

De uma maneira geral, Angelo Bandoni escrevia de forma rebuscada, quase sempre em língua italiana, imprimindo em seus textos constantemente elementos que pertenciam à sua bagagem cultural. Além disso, buscou tratar de temas variados, porém geralmente de forma prolixa e contendo divagações filosóficas, que certamente se por um lado lhe davam um contorno de intelectualidade, por outro gerava certa desconfiança em seus leitores. Entretanto, Bandoni soube lidar bem com essa questão, tanto foi assim que seus escritos vão “amolecendo” com o passar dos anos. Aquelas palavras mais exóticas e incompreensíveis vão lentamente sendo deixadas para trás, e assim substituídas por outras mais familiares. Ademais, tem as suas habilidades em oratória e linguística paulatinamente aprimoradas, conforme o relato constante na epígrafe.

Neste artigo, faremos uma análise detalhada de algumas poesias de autoria do militante anarquista Angelo Bandoni que foram publicadas nos periódicos libertários no Brasil entre anos de 1900 a 1921. Para tal análise, tencionamos em considerar o

contexto social e histórico vivenciado por esse militante durante a confecção de seus textos, e também a sua percepção sobre a história do anarquismo e dos trabalhadores organizados. Pretendemos com isso compreender a função que estas práticas exerceram sobretudo enquanto estratégia de propaganda anárquica. Porém, antes de tudo, cabe fazermos um breve resumo da biografia de Bandoni.

### **Uma breve biografia de Angelo Bandoni<sup>3</sup>**

O *hall* da fama do anarquismo em São Paulo nos primeiros anos da República é composto por militantes emblemáticos como Gigi Damiani, Oreste Ristori, Tobia Boni, Alessandro Cerchiai, Edgard Lourenroth, Florentino de Carvalho, Neno Vasco, entre outros, que em razão de suas ações aguerridas despertaram interesse na produção de trabalhos biográficos<sup>4</sup>. Para alguns historiadores e memorialistas, o nome Angelo Bandoni também se insere nesse grupo.

Angelo Bandoni, nasceu em 2 de julho de 1868 em Bastia, uma cidade localizada ao norte da ilha da Córsega na região do mar Mediterrâneo. Vale ressaltar que a ilha da Córsega, até o ano de 1769, sofreu grande influência política de diversos reinos, principalmente os italianos ainda não unificados, quando a partir desta data passou a pertencer ao domínio da França (REY, 2008: 05). Essa informação possui grande relevância, na medida em que demonstra ser Bandoni francês de nascimento, mas de cultura italiana.

Apesar de ter nascido na Córsega, este tinha origem italiana por parte materna e paterna, pois ambos eram de Livorno. Após seu nascimento, a família Bandoni viveu na

<sup>3</sup>Sobre as informações biográficas de Angelo Bandoni mencionadas neste texto ver: BENEVIDES, 2018b.

<sup>4</sup>Sobre Gigi Damiani: FEDELI, 1954; sobre Oreste Ristori: ROMANI, 2002; sobre Edgard Lourenroth: KHOURY, 1989; Neno Vasco: SAMIS, 2009 e Florentino de Carvalho: NASCIMENTO, 2000.

ilha francesa por mais 18 anos, quando ele, seu pai (Giovanni Bandoni) e seu irmão migraram em direção à Itália.

De Bastia, a família Bandoni chega à cidade de La Spezia onde se estabelece no ano de 1886. A trajetória de Angelo na Itália é um conjunto de “idas e vindas”. No momento em que aporta na península itálica, o anarquismo estava fervilhando e sofria intensa repressão por parte das autoridades italianas. No final do século XIX, o país era possuidor de uma massa trabalhadora ainda predominantemente agrária e artesã, que passava por grandes dificuldades e uma miséria crescente. O processo de industrialização na região norte do país e as periódicas crises econômicas geraram um expurgo de proletariados desempregados provocando uma profunda desigualdade social e entre regiões<sup>5</sup>.

Tais condições favoreceram o desenvolvimento do movimento anarquista, sobretudo nas regiões da Toscana (seu berço), Firenze, Prato, Livorno, Massa, Carrara e dali foi ampliando o seu raio de propagação por toda a península até 1898 (LEVY, 1999: 07), quando experimentou o seu processo de enfraquecimento em razão de uma intensa repressão. Fator preponderante no desenvolvimento dos ideais libertários foi a passagem de Mikhail Bakunin na Itália entre os anos de 1864 a 1867, cujos ensinamentos colaboravam na formação de dois dos maiores expoentes do anarquismo italiano – Errico Malatesta e Carlo Cafiero (PERNICONE, 1993: 03-04).

Uma das características essenciais do proletário italiano do final do novecentos foi o estabelecimento de um nexo entre o pensamento e a ação, onde a camada mais baixa do proletariado, os *braccianti* (trabalhadores, jornaleiros ou boia-fria), em “contato com um discurso teórico do socialismo, apropriou-se gradativamente das premissas teóricas anarquistas rejeitando, porém, as práticas de luta da pequena burguesia”. O modelo de reação adotado por esse novo contingente anarquista contra a “exploração de quem os dominava passou a ser sistemática: a realização de furtos campestres e o incremento dos bandos armados” (ROMANI, 2002: 32).

Por consequência, duas vertentes do anarquismo na Itália se desenvolveram. O individualismo, aqui incluídos os insurrecionalistas, já desde a década de 1870 quando da perseguição aos trabalhadores internacionalistas após o fim da Comuna de Paris, e o chamado anarco-comunismo, a partir da concepção originária de Kropotkin e muito defendido por Malatesta desde seu regresso da Argentina ao final da década de 1880.

<sup>5</sup> Sobre a Itália na segunda metade do XIX, ver: BIONDI, 2011: 39-40 e HOBBSAWM, 2013: 183-184, para uma compreensão do universo proletário neste mesmo período.

Como a corrente individualista foi mais forte até quase o final do *dezenove*, percebe-se certa e efêmera proximidade de Angelo Bandoni com esta vertente, tendo em vista algumas de ações à época de sua estadia na Itália. E que ações foram essas?

O jovem Bandoni não tinha endereço e nem destino certo, transitando por distintos lugares da costa tirrênica norte italiana. Todos esses sítios inclusive sob grande influência do anarquismo. Depois de constatar a sua primeira aparição em La Spezia (1886), os registros policiais apontam que ele havia sido preso na comuna de Lucca (1887), na região da Toscana, por contrabando de moeda falsa, permanecendo privado de sua liberdade até final de 1890, quando, após ter cumprido a sua pena, retornou pela segunda vez a La Spezia.

No mesmo ano que foi posto em liberdade, Bandoni foi novamente condenado a cinco anos de reclusão por furto, roubo e uso de documento falso. Só que desta vez cumpriu pena na Argélia, colônia administrada pelo Estado da França, já que era francês nato. Em 1895, após ter saído da prisão, retorna pela terceira vez a La Spezia, ocasião em que foi mais uma vez detido (por nove meses) e definitivamente expulso da Itália. Entre os anos de 1895 a 1900 há divergências nos registros policiais. Uma versão menciona que durante este período migrou clandestinamente para a Argentina, retornando à Itália anos depois. A segunda versão diz que veio para o Brasil e posteriormente retorna à comuna de La Spezia.

Em maio de 1898, uma forte onda de repressão assolou os anarquistas. Com a deflagração da revolta contra o aumento do pão, as forças do rei Umberto I (1878-1900) acertaram o cerne do movimento libertário na tentativa de reprimir os “subversivos”. Desta forma, iniciou-se uma sequência de expulsões e prisões por todo o país. Além disso, foi necessário empurrar essa massa proletária para um lugar distante e amenizar as tensões internas, o que foi providenciado pelo governo italiano através da imigração em massa para a América (LEVY, 1999: 06). Foi exatamente nesse contexto conflitante e de grande repressão, que Bandoni teve a sua expulsão decretada.

No dia 05 de maio de 1900, Angelo Bandoni aportou em Santos, no Estado de São Paulo, a bordo do vapor *Città di Genova*. Veio sozinho em busca de novos rumos na América. Tinha apenas 30 anos e do Brasil jamais se mudou, permanecendo no país por mais de 47 anos.

Quando chegou a terras brasileiras, residiu em uma área rural na zona oeste do Estado de São Paulo, denominada Água Virtuosa. Possivelmente nesse momento deve ter trabalhado no campo como colono agrícola, fenômeno muito comum junto aos

italianos recém-chegados ao país no final do *oitocentos*. Em um segundo momento, muda o local de sua residência para o centro urbano paulistano, mais especificamente no bairro do Bom Retiro (região onde abrigou grande quantidade de imigrantes italianos).

A escravidão havia sido recentemente abolida (1888) e a República acabara de ser proclamada (1889) quando adentrou ao país. O parque industrial nacional ainda era muito incipiente e se restringia ao Estado de São Paulo e Rio de Janeiro. Quer dizer, o movimento de trabalhadores operários ainda estava germinando. Portador de certo *capital* libertário adquirido no exterior, assim como diversos militantes, Bandoni contribuirá ativamente na formação da massa trabalhadora organizada, sobretudo propagando as ideias anarquistas.

Em terras brasileiras, as suas ações libertárias tiveram maior ênfase na propaganda e na informação dos trabalhadores. Tanto é assim, que durante o período de permanência no país, escreveu em diversos periódicos<sup>6</sup> e também foi responsável pelas edições de alguns outros que ganharam notabilidade<sup>7</sup>. Além disso, realizou conferências, organizou escolas e ainda teve tempo para escrever poesias. Tais práticas, além de privilegiar o prazer e o entretenimento da classe trabalhadora, buscavam convencer, por meio da propaganda, o seu público alvo da “necessidade de emancipação social” (HARDMANN, 2003: 13-14 e 32).

Além de grande articulista, Bandoni também tem sido reconhecido por suas ações no campo da educação libertária. A sua prática pedagógica, que vai se aperfeiçoando e se profissionalizando com o decorrer do tempo de estadia no Brasil, ganhou reconhecimento, inclusive, no interior da comunidade italiana a qual fez parte.

Após ter-se deslocado do interior paulista em direção ao centro urbano da capital paulistana, Bandoni passa a ser reconhecido pela alcunha: o *professor*, tamanho o seu vínculo com a arte do ensino. Essa experiência pedagógica foi sendo adquirida na

---

<sup>6</sup> Como por exemplo: com a participação, em 1900, de alguns artigos no periódico *Palestra Social*, cuja direção pertencia ao anarquista Tobia Boni. A partir de 1904, contribuiu recorrentemente nas páginas do implacável jornal editado por seu grande companheiro de luta Oreste Ristori, o já referido *La Battaglia*. Quando o *La Battaglia* chegou a seus momentos finais (1912), passa a ser editado sob outro nome – *La Barricata*, o qual teve sobrevida até outubro de 1913. Bandoni também participou como redator em algumas edições. Em julho de 1913, faz presença no periódico organizado pelo anarquista Alessandro Cerchiai, *La Propaganda Libertaria*.

<sup>7</sup> Produto do círculo libertário *Germinal*, em fevereiro de 1902, Bandoni funda um periódico com o mesmo título. Em 1915, organizou o periódico *Guerra Sociale*, que ousaria fazer as vezes do *La Battaglia* de Ristori. Foi diretor-responsável até a edição de n. 16, quando Gigi Damiani assume a direção. Este jornal durou até o ano de 1917 e teve papel crucial na organização da greve geral de São Paulo em 1917. No ano de 1919, editou o jornal *Alba Rossa*, contribuindo até a edição de n. 11. O jornal teve breve duração, intercalada por sucessivas interrupções, encerrando as suas atividades definitivamente em 1934. Bandoni havia deixado o *Alba Rossa* em 1919 para dar prosseguimento ao seu antigo periódico – o *Germinal!*, que encerra no mesmo ano.

prática cotidiana e na aplicação de um método específico baseado em suas leituras (Cf.: BENEVIDES, 2018a).

Os últimos momentos da vida de Bandoni não são precisos. Os seus artigos vão pouco a pouco desaparecendo das páginas da imprensa anarquista remanescente. As suas pegadas somem, mas alguns de seus rastros ainda são encontrados até meados da década de 1940. Permanece morando no mesmo bairro (Bom Retiro) com a sua esposa até o ano de seu falecimento (1947). Ao que se sabe, não morreu como um mártir como tantos outros anarquistas. Provável que tenha deixado a vida pelo avançar da idade, o corpo cansado e vencido pela velhice, mas com a mente convicta de seu anarquismo.

Os anos 1940 no Brasil foram exigentes com os libertários. Encontravam-se espremidos; de um lado o trabalhismo varguista e a repressão do Estado Novo; do outro, o comunismo ganhava terreno entre a classe proletária. Diante desta realidade, certamente a sua trajetória e seus escritos à época não foram reconhecidos por seus pares e caíram no esquecimento dos frios dados estatísticos. Assim, acabou não sendo lembrado nem pelos anarquistas organizados que sobraram, nem pela atual escrita da história (ou historiografia) sobre o respectivo tema.

### **Literatura e propaganda na imprensa libertária**

Entre os diversos grupos libertários formados no país ao longo da primeira República, sejam eles de matriz estrangeira ou não, os anarquistas integrantes de tais grupamentos foram versáteis na produção e no desenvolvimento de práticas culturais variadas, marcadas intensamente pela diversidade étnica. Tais práticas, além de privilegiar o prazer e o entretenimento da classe trabalhadora, buscavam convencer o seu público alvo da “necessidade de emancipação social” (HARDMAN, 2003: 13-14 e 32).

No que tange às variadas formas da cultura libertária, especialmente as praticadas no interior da comunidade italiana em São Paulo, que neste artigo possui maior relevância, estas tendiam a se manifestar a partir da organização de jornais, festas, ações teatrais, escolas, conferências, poesias, entre outras atividades. Entretanto, nesse momento, interessa-nos a última modalidade, já que esta explorava intensamente o universo da literatura tornando-se importantes instrumentos para o “proselitismo libertário” (LEAL, 1999). Em razão de seu teor pedagógico, a cultura era pensada fundamentalmente como meio de emancipação (HARDMAN, 2003: 43).

Por outro lado, percebe-se a estruturação de uma “moral anarquista” voltada para consolidar uma cultura que fosse capaz de resistir aos “males da ordem dominante”. De acordo com Francisco Hardman, no plano estético, esta perspectiva traria uma tensão mal resolvida entre os valores conservadores e a “energia explosiva do desconhecido”, do novo. De certo modo, ainda segundo o autor, a presença dessa tonalidade conservadora possibilitou produzir contradições que muitas vezes “chegavam às raias da ética protestante”, muito embora isso acontecesse em casos excepcionais (HARDMAN, 2003: 85)<sup>8</sup>.

Nas produções literárias (em prosa ou em verso), de uma maneira geral, pode-se distinguir os escritores<sup>9</sup> anarquistas como: profissionais que aderiam à causa momentaneamente; os militantes que “escreviam para a classe trabalhadora, incorporando-se ao movimento pelo trabalho de divulgação doutrinária e pedagógica” (podemos inserir nesse caso Angelo Bandoni); o escritor-operário que geralmente colaborava anonimamente para os periódicos; e finalmente o militante político do anarquismo, que conduzia a liderança do movimento e ocasionalmente fazia literatura (também reconhecemos um pouco do Bandoni nesta categoria) (PRADO; HARDMAN; LEAL, 2011: XIX-XX).

De uma maneira geral, afirma-se que a literatura anarquista nas primeiras décadas do século XX no Brasil mesclou a insubordinação política com certos traços do parnasianismo, movimento literário que foi hegemônico no país até a década de 1920. Entretanto, há quem argumente que para o escritor libertário, por não ser um profissional, a sua obra é mais um resultado da experiência coletiva do que efeitos da percepção estética, importando, para o seu trabalho, o impulso criador “mais do que o próprio texto” em si (PRADO; HARDMAN; LEAL, 2011: XXIII). Em que pese esta afirmativa, como veremos em momento oportuno, a forma da escrita, por diversas vezes, no caso de Bandoni (e de outros anarquistas como Gigi Damiani), obedecia a um critério estético rigoroso, tanto na métrica quanto na rima.

---

<sup>8</sup> Como veremos em momento propício, essa contradição esteve bastante aparente nos textos de Angelo Bandoni. Por exemplo, se por um lado foi ousado ao falar sobre sexo, por outro idealizou a prática de maneira um tanto conservadora. Outro exemplo de paradoxo foi a constante presença de valores cristãos em um universo onde o contato do divino era desprestigiado, etc.

<sup>9</sup> Sobre a autoria dos escritos, cabe ressaltar que: “Grande parte dos escritores anarquistas não cultivava a arte de escrever como um fim em si mesma, e o próprio texto nasce, circunstancialmente, da sucessão dos embates que vão preenchendo a pauta militante dos jornais operários: a denúncia de maus-tratos nas fábricas, a comemoração de um evento revolucionário, o confronto com a repressão, o registro quase expressionista da miséria, a crônica corrosiva da cena burguesa, a caricatura impiedosa dos inimigos da causa, com ênfase para o burguês, o militar e o padre”. (PRADO; HARDMAN; LEAL, 2011: XX).



Nesse sentido, talvez essa combinação de estilos servisse também como uma “maneira de ocupar o código das classes dominantes e forçar a se abrir por dentro um novo modo de convivência cultural, sempre como forma de conduzir as transformações da ordem burguesa”. Dito de outra forma, a literatura anarquista possuiria uma dupla perspectiva: a mobilização da classe operária, por um lado; e pelo outro o “contraponto da vanguarda política à vanguarda estética” (PRADO; HARDMAN; LEAL, 2011: XIII).

De todo modo, seja como for, os textos literários tanto em verso quanto em prosa tinham como horizonte, em primeiro lugar, a propaganda, pois o lugar que tais publicações ocupavam na imprensa anarquista indicavam este fato. Além disso, a literatura libertária em verso “respondia também a outras funções, ou mesmo abria espaço para elas, entre as quais a musicalidade, a harmonia, a emotividade, o entretenimento” (LEAL, 1999: 85 e 92).

Os textos em prosa (como, por exemplo, as inúmeras conferências que eram publicadas nos jornais ou em formato de opúsculos) exerciam uma função menos festiva ou menos voltada para o entretenimento, privilegiando, assim, o seu caráter didático que contribuía para a “formação da consciência anárquica junto aos trabalhadores” (LEAL, 1999: 131 e 132). Entretanto, como veremos a seguir, determinadas conferências proferidas por Bandoni foram produzidas em forma de verso, fato este que possibilitava amalgamar a alegoria peculiar a este estilo a uma via pedagógica.

### **A literatura libertária de Angelo Bandoni**

As poesias de Angelo Bandoni exploravam temas variados, que iam desde uma declaração de amor à anarquia, a homenagens de anarquistas que se tornaram mártires pela causa, a sua paixão pela educação, explicações quanto a conjuntura política, até a um engajamento antifascista. Bandoni possuía uma enorme capacidade rítmica, que somada ao seu capital cultural e a sua oratória, permitia-lhe a criação de textos complexos, e por vezes apenas escritos musicados resultantes de meros improvisos. Por tais habilidades, também passou a ser reconhecido na comunidade italiana a qual fazia parte em São Paulo. De acordo com o relato de Zélia Gattai:

*Angelo Bandoni frequentava muito nossa casa.  
Falava sempre em tom oratório, cantava, declamava, discutia*

*qualquer assunto, estava por dentro de tudo, um poço de sabedoria! Era autor de uma paródia ao hino fascista: ‘Con il terrore / Con il fascismo /non si vince il comunismo...’. Distribuía a letra de sua autoria entre os amigos e filhos dos amigos; sempre que aparecia, organizava um coro para cantar essa sua versão. Adorava fazer conferências, a qualquer pretexto saía com um improviso. Era professor, eu nunca soube de quê (GATTAL, 1994: 132).*

Algumas obras e determinados poetas, tradicionais entre os imigrantes italianos nesse contexto, foram recorrentes nas publicações de seus jornais. Assim, via-se circular, constantemente, trechos e referências de *A Divina Comédia*, de Dante, *Germinal*, de Émile Zola, *Guerra e Paz* de Leon Tolstói e os escritos do anarquista italiano Pietro Gori, cujo estilo imprimiu um traço marcante nas poesias de Bandoni<sup>10</sup> (VEGLIANTE, 1996: 70-71).

Dentre outros militantes que escreveram poesias, as produções de Bandoni tenderam a abordar temas mais leves (menos radicais em relação a alguns valores libertários), porém a expressão rimada foi um artifício que possuiu maior presença em sua literatura em comparação com outras autorias. Consoante já ressaltado, em algumas ocasiões expressou conferências em versos longos, que eram publicados nos jornais de maneira fracionada e em distintas edições, como foi o caso de *Progresso e Civiltà*, cuja métrica e a estética eram verdadeiros “rios” de hendecassílabos<sup>1112</sup> (ver: VEGLIANTE, 1996: 72), conforme demonstrado no trecho abaixo:

(...)

*Di titaniche lotte e di studio indefeso;  
(Di ti/tani/che lot/te e di s/tu/dio in/de/fe/so;)*

*Mentre l’incoercibile baldanza del pensiero  
(Men/tre l’in/coer/ci/bi/le bal/dan/za del pen/sie/ro)*

*Schiude breccie di fuoco nel piú denso mistero;  
(Schiu/de bre/ccie di fuo/co nel piú den/so mis/te/ro)*

*Ora che sugli oceani, sfidanti gli urugani,  
(Ora che su/gli o/cea/ni, sfi/dan/ti gli u/ru/ga/ni,)*

<sup>10</sup> A influência das obras de Gori foi intensa para diversos anarquistas em São Paulo e mesmo no Brasil, pois “foi autor de vários poemas dramáticos, encenados com enorme frequência pelos grupos de teatro operário de São Paulo e Bueno Aires: *Il Primo Maggio; Senza Patria; Ideale*. (...) Os diálogos em verso entremeiam o tema do amor e do ideal anarquista” (HARDMAN, 2003: 38-39).

<sup>11</sup> Hendecassílabo é uma forma métrica que casa verso contém onze sílabas métricas.

<sup>12</sup> Esta não foi uma tendência exclusiva dos textos de Bandoni. Isabelle Felici, em trabalho intitulado *Poesie d’un rebelle*, ao analisar as poesias do anarquista Gigi Damiani, identifica essa mesma métrica para os seus textos (ver: FELICI, 2009: 19).

(...)<sup>13</sup>

Quanto à rima, nem sempre seguia uma coerência, isso para os poemas longos. Mas as poesias curtas tendiam trilhar um padrão *emparelhado* obedecendo a uma seqüência, como no caso da poesia *L'odissea di Sante Caserio*<sup>14</sup>, cuja organização, ao menos na primeira estrofe, seguia o modelo AABBAACC (...), o que possibilita produzir uma sonoridade perfeita. Além disso, as rimas são ricas, já que Bandoni buscou rimar palavras de classes gramaticais diferentes para cada verso (ver: FELICI, 2009: 19, que fez análise semelhante nas poesias de Damiani).

*Cieco, devoto e vile, la chiesa mi volea; A*  
*«Prega, sopporta e spera, ognor mi ripetea ... A*  
*E la infantil vaghezza del viso e del pensiero. B*  
*Per l'orgie della fede, pei riti del mistero, B*  
*Servi più d'una volta, in scene di parata, A*  
*A dar vita e colore all'ombra inanimata A*  
*Di qualche santo in voga. ...ne' miei primieri anni, C*  
*Fui spesso conquistato a fare il San Giovanni,... C*

Ao reunir toda a produção poética de Angelo Bandoni elaborada entre os anos de 1900 a 1920, isso a partir dos jornais anarquistas em que ele publicou, poderíamos esquematizá-la de acordo com o quadro abaixo:

**Quadro 04 – Poesias publicadas por Angelo Bandoni**

<b>Título</b>	<b>Assinatura</b>	<b>Autor</b>	<b>Localização</b>	<b>Data</b>
<b>Primo Maggio</b>		Angelo Bandoni	<i>Germinal</i> n. 05 a. I	01 de maio de 1902
<b>Sciopero generale</b>	Angelo Bandoni	Angelo Bandoni	<i>Germinal</i> , n. 09 a. I	30 de junho de 1902
<b>Sans titre</b>		Angelo Bandoni	<i>Germinal</i> n. 01 a. III	24 janeiro 1904

<sup>13</sup> *Guerra sociale*, n. 01, 11 de agosto de 1915, p. 04, “Progresso e Civiltà”.

<sup>14</sup> *Alba Rossa*, n. 01, 26 de janeiro de 1919, p. 03, “L’odissea de Sante Caserio”.

<b>Figli di Plebe</b>		Angelo Bandoni	<i>Germinal</i> n. 01 a. III	24 janeiro 1904
<b>Sans titre</b>		Angelo Bandoni	<i>Germinal</i> n. 02 a. III	21 fevereiro 1094
<b>Canzone a Michele Angiolillo</b>	Angelo Bandoni	Angelo Bandoni	<i>La Battaglia</i> n. 342	17 fevereiro 1912
<b>Canzone di Pietro Gori</b>	A. B	Angelo Bandoni	<i>La Prop. Libertaria</i> n. 20	19 dezembro
<b>Progresso e Civiltà</b>	Angelo Bandoni	Angelo Bandoni	<i>Guerra sociale</i> , n. 01 e ss	11 de agosto de 1915
<b>L'Odissea di Sante Caserio</b>	Angelo Bandoni	Angelo Bandoni	<i>Alba Rossa</i> n. 1 ao 5, 7 e 8	D e 29 janeiro a 15 março de 1919
<b>Figli di Plebe</b>		Angelo Bandoni	<i>Germinal!</i> n. 05	17 maio de 1919
<b>Germinal!</b>		Angelo Bandoni	<i>Germinal!</i> n. 05	17 maio de 1919
<b>I coloni Ribelli</b>		Angelo Bandoni	<i>Germinal!</i> n. 07	31 maio de 1919
<b>Ribellione</b>		Angelo Bandoni	<i>Germinal!</i> n. 07	31 maio de 1919
<b>Propietà pivada e miséria</b>		Angelo Bandoni	<i>Germinal!</i> n. 08	7 junho de 1919
<b>In memoria di M. Angiolillo</b>		Angelo Bandoni	<i>Germinal!</i> n. 08	7 junho de 1919
<b>Ricordando l'impresa libica</b>		Angelo Bandoni	<i>Germinal!</i> n. 10	21 junho de 1919
<b>L'impresa triplolina</b>		Angelo Bandoni	<i>Germinal!</i> n. 10	21 junho de 1919

Fonte: informações retiradas a partir das edições dos jornais citados no quadro. Elaboração do autor

Tendo em vista as considerações expostas até aqui e que privilegiaram, sobretudo, as questões teóricas, voltaremos, nesse momento, a atenção para a análise temática de algumas poesias de Bandoni. Não apreciaremos todas, mas somente aquelas que julgamos relevantes enquanto instrumento de propaganda anárquica, já que muitas apenas continham elucubrações e divagações filosóficas.

Nesse sentido, começemos pela poesia publicada em seu periódico *Germinal*, no ano de 1902, em comemoração ao primeiro de maio, prática comum na imprensa libertária. Na ocasião, o jornal veiculou uma capa especial contendo um texto e uma poesia em exaltação àquela data. A pretensão de Bandoni era despertar entre os

trabalhadores a importância da luta que o operariado enfrentava contra o patronato, transformando este embate em um verdadeiro campo de batalha cuja redenção do proletariado contra as injustiças deveria ocorrer não por outorga, mas pela luta autônoma:

*Corre-nos nas veias muito sangue diluído,  
As lentas palavras têm demasiada inércia:  
As doces retóricas do amor, da fraternidade,  
Penetrou na alma com mentirosa esperança.  
Os nossos mortos, entretanto, dos patíbulos atrozes  
Suspensos [...], os massacres ferozes,  
E vingança e tortura e insultos sanguinários  
(...)  
Oh Primeiro de Maio fúlgido, venha a nós o glorioso  
Mas seja o dia dos fortes, (...);  
Seja, não do céu a mística contemplação inerte  
Não a apatia impotente dos braços cruzados  
(...)  
A hora da justiça, da grande vitória,  
Quando do sangue vivido surge a nova história  
A cancelar as infâmias e as vergonhas da servidão...  
Será aquele apenas o nosso Primeiro de Maio<sup>1516</sup>*

Ainda dentro dessa temática pertencente ao mundo do trabalho, a greve geral também possuiu guarida na poética bandoniana. De acordo com ele, a ação grevista deveria ser entendida como movimento cujo objetivo seria a revolução social e não apenas a luta por conquistas trabalhista mais imediata:

***Sobre a greve geral***  
*Irrromperemos nos aposentos  
Vossos, o potente, como um furacão:  
Então vai suplicar-te em vão,  
Serão vans as lágrimas, os lamentos.  
Aos vossos tetos vamos pendurar ardentes  
Língua de fogo, deixaremos a canção  
A canção, e aos corvos, com furor insano,  
Daremos os corpos ensanguentados extinto  
E, pisando aqueles em ruínas*

<sup>15</sup> A tradução de todos os poemas foi feita livremente pelo autor. Visando uma melhor compreensão do texto, optamos por transcrever o original em italiano em cada poesia trabalhada.

<sup>16</sup> “Ci scorre nelle vene troppo sangue annacquato;/ Di languide parole si hanno tropo inabbrialo;/ Il dolcume rettorico d’amor, di fratellanza;/ Ci penetró ne l’animo con sperenza;/ I nostre morti, instantly, dai potiboli atroci/ Pendono [...], e massacrí feroci;/ E vendetta e torture e sanguinari insulti./ (...) O Primo Maggio fulgido venga il tuo di glorioso/ Ma cia de forti il diorno, (...)/ Cia, non del cielo la mística contemplazione inerte./ (...) L’ora de lagiustizia da la grande vittoria;/ Quando dal sangue vivido spunti la nova storia/ A cancellar le infamie e le onte del servaggio.../ Sarà quello soltanto il nostro Primo Maggio!” (*Germinal*, n. 05, 01 de maio de 1902, p. 01, 03 e 04, “Primo Maggio”).

*Em chamas ainda, ou tirando os anêmicos,  
Que vive da infâmia e da rapina,  
Saudaremos prazerosos o novo,  
Que, depois de tantos desconhecidos cuidados,  
Por nós remido surgirá mais belo!*<sup>17</sup>

As poesias não eram apenas publicadas nos jornais. Elas, antes de correrem nas páginas da imprensa anarquista, deveriam, em muitos casos, ser lidas em público. Geralmente isso se dava em festas libertárias realizadas em teatros por iniciativa dos anarquistas. Lá o orador se apresentava ao público e executava sua performance. Nessa prática, Bandoni tornou-se perito ao longo do período em que esteve no Brasil e por vezes discursava sozinho ou dividindo o tablado com outros militantes, como na comemoração do primeiro aniversário de seu *Centro educativo libertário Germinal*, em setembro de 1902, no qual ficaria encarregado de realizar uma apresentação e ter recitada uma de suas conferências poéticas (*La Miseria*<sup>18</sup>) por um dos seus companheiros (Gioavanni Gargi):

***Centro educativo libertário Germinal***

*Em ocasião de primeiro aniversário da constituição deste círculo, os aderentes estão organizando um grande sarau que terá lugar o dia 13 do próximo setembro, a hora 20:30 no teatro Andrea Maggio, citado na rua dos Imigrantes, 180.*<sup>19</sup>

Outra temática enfrentada por Bandoni era a homenagem realizada em memória de alguns militantes anarquistas que, porventura, tivessem sido presos e condenados à pena de morte. Neste sentido, podemos ressaltar duas poesias portadoras dessa perspectiva: a *Canção de Michele Angiolilo*<sup>20</sup>, publicada no *La Battaglia*, e uma

<sup>17</sup> “Lo sciopero generale sarà il nostro ultimatum! o cecederete o.../ Irromperemo negli appartamenti/ Vostri, o potanti, come un uragano:/ Allora voi supplicherete invano,/ Saran van le lagrime, i lamenti./ Al vostri tetti appiccheremo ardenti/ Lingue di fuoco, vi faremo a brano./ A brano, e ai corve, con furore isano,/ Daremo i corpi insanguinati e spenti/ E, calpestando poi quelle rovine/ Fumanti ancora, o anemici tiranni,/ Che viveta d’infamie e di rapine,/ Saluteremo lieti il di novello./ Che, dopo tanti inauditi affanni,/ Per noi redanti sorgerà più bello!” (Germinal, n. 09, 30 de junho de 1902, p. 01, “Sullo Sciopero Generale”).

<sup>18</sup> Que não chegou a ser publicada, e por conta disso desconhecemos o seu conteúdo.

<sup>19</sup> *Germinal*, n. 14, 06 de setembro de 1902, p. 04.

<sup>20</sup> Foi um tipógrafo anarquista italiano que assassinou o primeiro-ministro espanhol Antonio Cánovas del Castillo em agosto de 1896.

verdadeira odisseia intitulada *A Odisseia de Sant Caserio*<sup>21</sup>, cuja veiculação percorreu diversas edições do jornal *Alba Rossa*.

De semelhante, além de cultivarem a memória de dois anarquistas, as poesias buscam sacralizar as ações destes militantes que estiveram envolvidos em regicídios. De outro modo, como era de se esperar, condenam toda a ação repressora das autoridades envolvidas no julgamento de ambos os ácratas e os transformam em verdadeiros heróis. O ponto de distinção das artes está na métrica e na estética, onde na *A Odisseia de Sant Caserio*, Bandoni buscou maior complexidade e riqueza, enquanto que em a *Canção de Michele Angiolilo* a rima tenha como fim maior uma certa musicalidade.

***Canção de Michele Angiolilo***

*No castelo maldito*<sup>22</sup>  
*Sucumbia, torturados,*  
*Os companheiros infelizes*  
*Borras, Rochez e Bernich*  
*Se pretendia, com o terror,*  
*Sufocar as rebeliões*  
*Contra os padres e os patrões,*  
*Contra todos os opressores*  
 (...)
 *Sempre ousados, sempre fortes*  
*Superaram o mártir.*  
*Mas a iniquidade*  
*Em Cánovas del Castilho,*  
*Da Itália um filho*  
 (...)
 *De anarquista tem o pensamento*  
*E a heroica coragem;*  
*Mais não um único momento*  
*Enquanto a hora soar.*  
*Aos termos salutareis*  
 (...)
 *Ao cadafalso da história:*  
*D'um Castilho, a memória*  
*Execrada a todo momento será!*  
*Pela humanidade,*  
*Ao garrote ascendido e riu*  
*E lançou o grito*  
*De: Germinal!!*<sup>23</sup>

<sup>21</sup> Trata-se de uma homenagem feita pelo Bandoni para o anarquista Sant Geronimo Caserio, um anarquista nascido na Itália e que ganhou fama após apunhalar o presidente da República francesa Carnot com um único golpe. Um dos motivos do regicídio foi a vingança da execução de um outro anarquista francês: Ravachol.

<sup>22</sup> N. do autor: a fortaleza de Monte Juic, em Barcelona, tristemente conhecida pela atrocidade cometidas contra os anarquistas detidos.

<sup>23</sup> “Nel Castello maleditto/ Soccombevan, torturete,/ I compagni sventurati/ Borras, Rochez, Bernich/ Si voleva, col terrore,/ Soffocar le ribellioni/ Contro i preti ed i patroni,/ Contro tutti gli oppressor;/ (...) Sempre audaci, sempre forti/ Superarono il martir./ Ma l’iniquità/ In Canovas del Castiglio/ D’Italia un

*A Odisseia de Sant Caserio*

(...)

*Da justiça e da paz iluminou por algumas vezes  
 Não foi pela minha dor, não foi pela minha revolta  
 Contra os rigores injustos da terra ou do céu...*

*A fé, aos olhos meus, havia tecido um véu*

(...)

*Creio que grande parte do infortuno humano*

*Se devem ao caso e as paixões insanas*

*Que conturbam o pensamento correto da mente*

(...)

*De ser atingido por mil inquietudes,*

*D'Único, que insurge contra a sociedade.*

*Odiava imensamente; gostaria ter*

*De Aquiles, o legendário recurso de poder*

*E, somente, conta todos, padres, guardas, patrões*

*Magistrados, lacaio e leões...*

(...)

*Com o inferno no coração com o fogo no cérebro,*

(...)

*Sem ter o que comer, sem repouso<sup>24</sup>*

Além de render homenagens a militantes, Bandoni valeu-se, também, de sua poesia para denunciar as “injustiças da sociedade”, que seriam produzidas pela burguesia. Novamente a luta de classe emergiria em seus textos, transformando o poema em um verdadeiro campo de batalha. Como reação, caberia ao anarquista resistir aos valores e às imposições burguesas, como: a propriedade, a pátria, o sistema judiciário e os patrões. Em outras palavras, o poeta, no caso em tela, torna-se um verdadeiro rebelde, incrédulo das instituições, e um propagador da desobediência:

*Os nossos tutores*

*Guerra a gente burguesa*

(...)

figlio./ (...) Dell'anarchico ha il pensiero/ E l'eroico ardimento;/ Più non posa un sol momento/ Finchè l'ora suonerá./ Alle terme suonerá./ (...) Alla gogna della storia:/ D'un Castiglio, la memoria/ Esecratata ognor sará!/ Per l'umanità;/ Al garotte ascendo e rido/ E lancio il grido/ Di: Germinal!!” (*La Battaglia*, 09 de março de 1912, p. 04, “Canzone di Michele Angiolillo”).

<sup>24</sup> “(...) Di giustizia e di pace m'illuminò talvolta./ Non fu pel mio dolor, non fu già per rivolta/ Contro rigore ingiusti della terra o dell'cielo.../ La fede, agli ocche miei, avea tessuto un velo/ (...) Credevo che gran parte dele sventure umane/ Si dovessero al caso e alle passioni insane/ Che conturbano il retto ragionar della mente/ (...) Dell'essere colpito da mille iniquità./ *Dell'Unico*, che insorge contro la società./ Odiavo immensamente; avrei voluto avere/ D'Achille, il legendario ricorso di potere/ E, solo, contro tutti preti, birre, padrone/ Begnine, magistrati, tirapiedi e lenoni./ (...) Coll'inferno nel cuore, col fuoco nel servello./ Senza voglia di cibo, non curante il riposo./ (...)” (*Alba Rossa*, n. 1, 26 de janeiro de 1919, p. 07, “L'Odisseia di Sante Caserio”). A odisseia continua nas edições: n. 3, 8 de fevereiro de 1919, p. 03; n. 4, 16 de fevereiro de 1919, p. 03, e ainda nos números 4, 5 (22 de fevereiro de 1919), 6, 7, 8, 9, 10. Mesmo assim não chegou a ser publicado íntegra, pois antes disso Bandoni havia se retirado do grupo editorial do jornal).



*Orgulhosos pelo impacto tremendo,  
Arqueiros da humanidade,  
Radiaremos, com foco e com sague,  
As infâmias da propriedade:  
(...)  
Não mais patrões e tiranos!  
Não mais governos, nem rei!  
Não mais magistrados, nem padres!  
Abaixo a lei e a fé!<sup>25</sup>*

A partir de 1914 a grande maioria dos textos de Angelo Bandoni tendeu a tratar da conjuntura internacional, sobretudo com a deflagração da Primeira Grande Guerra (1914-1918). Se seus artigos em prosa foram afetados por esse contexto, sua poesia não ficaria à margem desta tendência. Em novembro deste mesmo ano, no periódico de língua italiana *La Propaganda Libertaria*, publicou um poema fazendo críticas contundentes à guerra europeia.

Este texto tratou-se de um ensaio se comparado a outro bem maior que viria a ser publicado também em forma de poesia alguns meses depois (*Progresso e Civilização*, já mencionado). Mas na poesia em questão, Bandoni de forma incipiente apontou quais seriam para ele os elementos causadores da guerra (a pátria, o nacionalismo e o capitalismo) e sustentou ainda que todas as instituições, por servirem-se de tais elementos, são as motivadoras do conflito bélico na Europa que foi responsável pela morte de inúmeros inocentes. Além do mais, sugere o fim das fronteiras, rememorando a máxima anarquista de autoria do anarquista Pietro Gori – “minha pátria é o mundo inteiro”:

*Enquanto o impacto tremendo de inúmeros abates,  
Os vales, os montes, o mar, disseminam a morte;  
Enquanto as mães choram seus filhos trucidados,  
Que o Estado assassinou e tirou a fé dos soldados;  
Enquanto cessa o trabalho e por todo lado há dor,  
A maldade e a fome maltratam o corpo e o coração;  
Deixem que um anarquista, o malfeitor audaz  
Vos faleis, com grande fé da liberdade e da paz...  
Mas não de paz armada, mas de liberdade dos grilhões;  
(...)  
Hoje o apocalíptico furor da guerra,  
Que invade, que se estende, que ameaça cada terra,  
Que investe e que varre as casernas, os hospícios, igrejas,  
Edifícios e habitações, que raparigas indefesas*

<sup>25</sup>“(…) Fieri nell’curto tremendo,/ Arceri dell’Umanità,/ Ragieremo, col fuoco e col sangue,/ Le infamie della proprietà:/ Non più patroni e tiranni!/ Non più governi, né re!/ Non più magistrati, né preti!/ Abbasso le leggi e la fé! (...)” *La Battaglia*, 23 de março de 1912, p. 03, “I nostri tutori”.

*Imaculada mata, atormenta, que não poupa os padres*  
 (...) *Mentirosa é a justiça, - e a pátria o engano,*  
*A religião fantasia, o capital um dano,*  
*A política um jogo de otários e de idiotas,*  
*A moral e a honra... Talismã falsos e vazios!...*  
 (...) *Abatem-se as fronteiras, - e a pátria se amplia!*  
 (...) *Que a pátria é o engano, já o disse, mas não basta*  
*Faz do efeito realçar o engano para quem domina...*  
*Qual é a pátria nossa? De nós deserdados?*  
*O lugar no qual nascemos. No qual fomos criados*  
 (...) <sup>26</sup>

Já tivemos a oportunidade de mencionar anteriormente alguns aspectos técnicos do longo poema *Progresso e civilização*. Agora, seria o momento ideal para a compreensão das temáticas tratadas nele por Bandoni. De maneira geral, ele ressaltou o papel ambíguo que a ciência possuiu ante a sociedade, pois se por um lado representou o progresso da humanidade e a libertação após anos de dominação da religião, por outro foi a grande causadora da Primeira Guerra, conflito este que será compreendido por ele como o grande colapso da civilização e a chegada da tão aguardada crise do capitalismo que cairia abatido de joelhos de uma vez por todas.

Mesmo assim, a sua fé na ciência era inabalável. Ela seria a grande proclamadora da morte de todas as divindades (como na proposta de Nietzsche, presente em seus textos), e por meio dela haveria o progresso e o desenvolvimento humano. Com tais considerações, é possível perceber que Bandoni orbitava ao redor de um pensamento típico da segunda metade do século XIX, já que possuía uma percepção da história em torno de um processo autônomo, incontrolável, um progresso involuntário e automático (historicismo).

Ademais, há uma zona de influência do marxismo em seus textos, posto que a luta de classe assume papel crucial no curso da história. Há, do mesmo modo, uma

<sup>26</sup>“(…) Mentre l’urto tremendo d’innumeri coorti/ Le valli, i monti, il mare, dissemina di morti;/ Mentre la mamme piangono su i figli trucidati,/ Che lo stato assassino lor tolse e fé soldate;/ Mentre cessa il la lavoro ed ovunque il dolore,/ La nequizia e l’afame straziano il corpo e il cuore;/ Vi parli, con gran fede, di libertà e di pace.../ Ma non di pace armata, di libertà nel ferri;/ (...) Oggi, l’apocalittico furore dele guerra,/ Che invade, che si estende, che minaccia ogai terra,/ Che investe e che travolge caserme, ospizio, chiese,/ Palazzi ed abituri, che fanciulle indifese/ Insozza uccid, pistrizia, che non risparmia i preti,/ (...) Menzogna é la giustizia, - e la patria un inganno,/ La religione fisima, il capitale un danno,/ La politica un giuoco di succhioni e d’idioti,/ La morale e l’onore... ciondoli falsi e vuoti!.../ (...) Si abbatton le frontiere, - e la patria ingrandisce./ (...) Che la pátria é l’inganno, già dissi, ma non basta/ Fa d’uopo lumeggiare l’inganno a chi sovrasta.../Qual’è la patria nostra?Di noi diseredati?/ Il luogo in cui nascemmo? In cui fummo allevati/ (...) (La Propaganda Libertaria, n. 18, 21 de novembro de 1914, p. 04).

percepção escatológica do processo histórico, talvez ainda pela influência do marxismo ou apenas por conta de alguns dogmas do cristianismo<sup>27</sup> (comum em seus escritos), afinal, mesmo pretendendo ser um anarquista, escapar de tais zonas de autoridade não era tarefa fácil, tanto em razão de seu continente de origem (uma Europa católica) quanto no Brasil nos primeiros anos do século XX.

***Progresso e Civilização***

*(Continuação)*

*Erradicado o poder da nobreza e do clero,  
Inicia-se a epopeia do pensamento livre;  
Começa aquele progresso grandioso, universal,  
Que penetra as profundezas, que sobre o céu  
Para arrancar o raio da mão divina,  
Que salva o gênero humano da última ruína  
De um fatalismo cego... grandiosa renascença  
De viril coragem, despertar de consciência,  
Titânica revolta contra o dogma e a fé  
Contra a onipotência, conta aos destinos (...)  
(...)  
Mas tesouros da ciência que mudam o destino,  
Arrancará os abismos da terra e do céu,  
Da riqueza, da paz e da justiça desejada.<sup>28</sup>*

Na segunda estrofe dessa parte, Bandoni exaltou a ciência e algumas de suas descobertas científicas do século XIX, como por exemplo a eletricidade, a ferrovia, a química, a biologia, o telescópio, entre outros. Outrossim, realiza uma homenagem a inúmeros cientistas, desde Galileu, Newton, entre outros. Seguindo a poesia:

*(Continuação)*

*(...)*

*O progresso caminha, não estamos com a aurora  
Do despertar grandioso*

*(...)*

*De Londres ou de Paris na condição de Receptores,  
Queria os meios da falsa possessão  
E o progresso avança sobre o mar e sobre a terra,  
Benéfico, se tem paz, terrível, se tem guerra<sup>29</sup>*

<sup>27</sup> Refiro-me a percepção judaico-cristã do tempo. Nessa perspectiva, as ações históricas percorreriam de forma linear um processo que, ao final, inexoravelmente, chegaria a um fim (o apocalipse).

<sup>28</sup> “Debellato il potere de’ nobile e del clero./ S’inizia l’epopea del Libero Pensiero;/ Comincia quel progresso grandioso, universale,/ Che penetra gli abissi, che su nel cielo sale/ A strappare la folgore dalla mano divina,/ Che salva l’uman genere dall’ultima rovina/ D’un fatalismo cieco... Grandiosa rinascenza/ Di virili ardimenti, risveglio di coscienza,/ Titanica rivolta contro il dogma e la fede,/ contro l’onnipotenza, c’ai distini presente:/ (...) Ma tesori di scienza, che mutano il destino,/ Strapperá dagli abissi della terra e del cielo,/ Di ricchezza, di pace e di giustizia anelo/ (...)” (*Guerra Sociale*, n. 03, 09 de outubro de 1915, p. 03 e 04, “Progresso e Civiltà”).

(Continuação)

(...)

*O progresso social na ciência e na arte,  
Não é, da civilização, nem início nem parte;  
O progresso é um influxo de potência nos meios,  
Que refina os produtos, e modifica os preços,  
Que acelera, que cresce as escassas produções  
Pode fazer ricas e potentes várias populações,  
Porém no entanto não traz fraternidade, não desarmam os rancores,  
Não nos guia à paz, não atenua as dores,  
Não cura o escravo preso nas correntes,  
Não dá à miséria, a sua parte de bem.*

(...)

*Se a luta incivilizada e não sempre incruenta,  
Pelo pão maldito, que os rancores fomentam,  
Não houvesse cada senso de humanidade falseado;  
Se o véu não fizesse, o interesse privado,  
Aos olhos de Caim, conciliante ao direto  
Do Pai, despojado, que lhe garante a alimentação.<sup>30</sup>*

A propriedade privada também foi criticada nas poesias de Angelo Bandoni, posto que no seu entender era a fonte das misérias. A burguesia, com a sua ganância, contribuía para a rebelião dos despossuídos. A anarquia era um valor sacralizado, e pelo que conseguimos extrair, possuía como significado a liberdade, fraternidade e a igualdade, ou seja, os mesmos princípios norteadores da Revolução francesa, que de acordo com Bandoni, seria um grande exemplo da tomada de poder por vontade do povo, dos camponeses, dos trabalhadores<sup>31</sup>:

***Propriedade privada e miséria.***

*Vermelho do nosso sangue*

(...)

*Choro e suor,*

<sup>29</sup> “Il progresso cammina, non siamo s’all’aurora/ Del grandioso risveglio. Domani ci diranno,/ Di Londra o di Parigi, purchè di *Ricellori*./ Abbiamo voglia e mezzi di farsi possessori./ Ed il progresso avanza sul mare e sulla terra./ Benefico, s’è pace, terribile, s’è guerra; (...)” (*Guerra Sociale*, n. 04, 23 de outubro de 1915, p. 04, “Progresso e Civiltà”).

<sup>30</sup> “(...) Il progresso sociale nella scienza e nell’arte./ Non é, di civiltà, né indice, né parte;/ Il progresso é un influxo di potenza nei mezzi./ Che raffina i prodotti ne modifica i prezzi./ Che accelera, che accresce le scarse produzioni/ Può far ricche e potenti varie popolazioni./ Però, non al fratello, non disarmo i rancori,/ Non ci guida alla pace, non lenisce il dolore./ Non cura dello schiavo le ferrigne catene./ Non porge, alla miseria, la sua parte di bene./ (...) Se la lotta incivile e non sempre incruenta,/ pel pane maleditto, ch’i rancore fomenta./ Non avesse ogni senso d’umanità falsato;/ Se velo non facesse, l’interesse privato,/ Agli occhi di caino, conculcante il diritto/ Del fratello, spogliato, che limosina il vitto,/ (...)” (*Guerra Sociale*, n. 05, 06 de novembro de 1915, p. 03, “Progresso e Civiltà”).

<sup>31</sup> Neste ponto, cabe mencionarmos que a sua compreensão sobre a Revolução francesa é equivocada de acordo com as atuais análises historiográficas que redimensionam o papel do terceiro estado nesse processo, pois os camponeses, ao que se sabe atualmente, não teriam agido de forma autônoma, e nem imbuídos de tais princípios que originalmente foram defendidos pela burguesia.

*Os campos, privativos e cercados,  
 Negam, aos derrotados  
 A colheita e a flor.  
 Mas a canalha que pão não tem,  
 Que não tem casa, nem liberdade;  
 (...)  
 Vão propagando,  
 E apressando,  
 A rebelião  
 A cruel burguesia  
 Se apressa em reagir,  
 Mas contra a anarquia  
 Vã e fraudada insano e ousadia.  
 (...)  
 Mas com a alavanca da razão  
 Removeremos as religiões  
 Da injustiça, da vida.  
 Por igualdade,  
 A fraternidade  
 E a liberdade<sup>32</sup>*

As duas próximas e últimas poesias que serão analisadas a seguir versam sobre a prática anarquista com a qual Bandoni melhor se identificou: a pedagogia libertária. A primeira delas, *Primavera Redentora*, que inclusive foi publicada em português, fato raro já que praticamente ele pouco produziu em vernáculo (ao menos que tenha ganhado publicidade), buscou ressaltar o papel da educação e da escola no processo de revolução social. Cabe atentar-se, também, para a métrica utilizada, que neste caso foi a *alternada*, seguindo a sequência ABAB:

***Primavera Redentora***  
*As blandícias desta primavera A  
 São penhores de libertação; B  
 A maldade que no mundo impera A  
 Não se salva da conflagração B  
 (...)*

*Nós, crianças cheias de bondades,  
 Nossa pedra levarem, também,  
 A grande obra da fraternidade  
 Redentora que o por vir contém.  
 (...)  
 O desvelo da Escola Nova  
 Nos dá luzes, para triunfar,*

<sup>32</sup> “Rossi del nostro sangue,/ (...) Pianto e sudor,/ I campi, or privati e recinti,/ Negano, ai vinti,/ Messe e i flor/ (...) Ma la canaglia che pan non ha,/ Che non ha casa, né libertà;/ Van propagando,/ Ed affrettando./ La rebellion./ La truce borghesia/ Si appresta a reagir,/ Ma contro l’anarchia/ Vana e la fronde ed insano l’ardir./ (...) Ma colla leva della ragion/ Rimuoveremo le religion/ Dell’ingiustizia, della viltà/ Per l’eguaglianza/ La fratellanza/ E la libertà” (*Germinal!*, n. 10, 21 de junho de 1919, p. 03, “Proprietá privada e Miséria”).

*Nos permite de vencer a prova  
Mas penosa, sem tergiversar.  
(...)<sup>33</sup>*

E finalmente, a segunda poesia recebeu como título *Na Escola* (publicada em italiano), e que basicamente é uma exaltação do amor ao conhecimento, à aprendizagem e à prática do ensino, uma verdadeira homenagem à profissão de professor por aquele que dedicou parte de sua vida a esta tarefa:

***Na Escola***

*(...)  
No forte amor;  
Folgas e brincadeiras,  
Jogos e asneiras  
Fazem perder  
O tempo mais propício  
E o benefício  
De compreender*

*Não há mais grata ocupação  
De ler, compor e calcular;  
Na glória do saber  
Só pode-se gozar.  
(...)*

*Belo é folgar, depois de ter  
Estudado com proveito  
E seguido com respeito  
Do professor a boa lição  
Que o coração  
Nos faz vibrar  
Cheio de fulgor, ao longe está  
O pendão da liberdade  
De fremente humanidade;  
De lá chegar, certeza tem  
Quem muito e bem  
Sabe estudar<sup>34</sup>*

Apesar da mensagem contida no poema, de forma nítida percebe-se uma tendência de Angelo em expor e abraçar certa “moral anarquista”, ao defender a necessidade de obediência e respeito aos ensinamentos do professor.

<sup>33</sup> *Germinal!*, n. 13, 12 de junho de 1919, p. 03, “Primavera Redentora”.

<sup>34</sup> *Germinal!*, n. 13, 12 de junho de 1919, p. 03, “Na Escola”.

Talvez aí possamos encontrar uma das muitas contradições existentes nas ideias libertárias, pois propõe fazer coexistir em um mesmo indivíduo a rebeldia contra algumas imposições sociais, e por outro lado a aceitação de valores oriundos de determinados grupos (principalmente quando tais valores são invocados como necessários à sobrevivência do coletivo); em outras palavras, o que se vê é em choque entre a liberdade individual, a máxima potência do indivíduo – o eu Único de quem fala Stirner, em detrimento da coletividade. Há quem diga que por esses e outros paradoxos o anarquismo é “esquizofrênico” (ROMANI, 2013: 13), o que lhe faz ser tão peculiar, ao tentar juntar duas situações aparentemente antagônicas: “o individualismo e o socialismo”.

### **Considerações Finais**

Como visto, os traços marcantes de uma espécie de proselitismo por uma “boa moral” anárquica esteve constantemente presente nos textos de Bandoni, sobretudo em suas poesias, servindo como um importante instrumento de propaganda libertária.

Ao fazer uma síntese analítica de seus textos, percebemos pelo que se verificou até o momento, uma zona de influência de alguns conceitos teóricos, como por exemplo: uma percepção orgânica da sociedade semelhante às estruturas biológicas (traços do organicismo de Spencer e do positivismo de Auguste Comte), a apreensão da ciência como parte do processo do desenvolvimento da humanidade que teria, de uma vez por todas, afastado os homens das religiosidades e, finalmente, uma compreensão histórica baseada na luta de classes associada a uma interpretação linear e teleológica do tempo (aqui por conta da influência do marxismo). Por essas possíveis associações, concluímos que Bandoni possuía um conhecimento, ou ao menos rudimentos básicos, das teorias que estiveram em voga entre a segunda metade do oitocentos e os primeiros anos do século XX.

Supondo que esta gama de informações não tenha sido adquirida a partir da leitura direta das obras desses autores, e mesmo que tenha tomado ciência destes conceitos a partir de grandes enciclopédias, ainda assim temos que reconhecê-lo como um indivíduo intelectualizado, um pensador da sociedade da qual fez parte. Mesmo que a sua visão de mundo tenha se limitado aos postulados dos teóricos da época, que em grande parte, nos dias atuais, encontram-se ultrapassados, devemos compreender Bandoni como afinado com as perspectivas sociais daquele período. Tal fato não

merece julgamento, pois implicaria incorremos em um anacronismo, já que à época muitos desses preceitos eram considerados a vanguarda e estavam em plena maturidade

### **Periódicos utilizados**

*Alba Rossa*, São Paulo.

*Germinal!*, São Paulo.

*Germinal*, São Paulo.

*Guerra Sociale*, São Paulo.

*La Battaglia*, São Paulo.

*La Propaganda Libertaria*, São Paulo.

*Palestra Social*, São Paulo.

### **Referências bibliográficas**

BENEVIDES, Bruno Corrêa de Sá e (2018a), A educação libertária como “nova tendência revolucionária”: as experiências pedagógicas de Angelo Bandoni, *Revista Latino-Americana de História*, vol. 7, n. 19, jan./jul.

\_\_\_\_\_(2018b), O Anarquismo sem adjetivos: a trajetória libertária de Angelo Bandoni entre propaganda e educação, Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BIONDI, Luigi (2011), Classe e nação. Trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920. Campinas: Ed. Unicamp.

FEDELI, Ugo (1954), Gigi Damiani. Note biografiche: il suo posto nell’anarchismo. Cesena: L’Antitato.

FELICI, Isabelle (2009), Poésie d’un rebelle: Gigi Damiani. Poète, anarchiste, émigré (1876-1953). Lyon: Atelier de création libertaire.

GATTAI, Zélia (1994), Anarquistas, graças a Deus. Memórias, 2ª ed. Rio de Janeiro: Record.

HARDMAN, Francisco Foot (2003), Nem pátria, nem patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil. São Paulo: Brasiliense.

HOBBSAWM, Eric J (2012), A Era dos Impérios (1875 – 1914). 16ª ed. São Paulo: Paz e Terra.

KHOURY, Yara A. (1997), Edgard Leuenroth: Uma Vida e Um Arquivo Libertários. In: *Revista Brasileira de História*, ANPUH/Editora Unijuí, vol. 17, no. 33, p. 112-149.

\_\_\_\_\_(1988), Edgard Leuenroth: uma voz libertária. Imprensa, memória e militância anarco-sindicalista. Tese de doutorado em História. São Paulo, Universidade de São Paulo.

LEAL, Claudia Feierabend B (1999), Anarquismo em verso e prosa: literatura e propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916). Dissertação de mestrado. Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.

LEVY, Carl (1999), Gramsci and the Anarchist. New York: Berg.

NASCIMENTO, Rogério H. Z. (2000), Florentino de Carvalho. Pensamento social de um anarquista. Rio de Janeiro: Achiamé.

PERNICONE, Nunzio (2009), Italian Anarchism, 1864-1892. Oakland: AK Press.



- PRADO, Antonio A. HARDMAN, Francisco Foot; LEAL, Claudia Feierabend Baeta. (Orgs) (2011); Contos anarquistas: temas e textos da prosa literária n Brasil (1890-1935). São Paulo: Martins Fontes.
- REY, Didier (2008), Historique des migrations en Corse depuis 1789. In: PESTEIL, Ph (Org.); Histoire et mémoires des immigrations en région Corse. Corte: Université de Corse – Pascal Paoli.
- ROMANI, Carlo (2013), História e historiografia do anarquismo italiano: das origens até 1907. Rede-A, [S.l.], v.3, n. 2, p. 3-23, jul/dez.
- \_\_\_\_\_(2002), Oreste Ristori uma aventura anarquista. São Paulo: Annablume.
- SAMIS, Alexandre (2009), Minha pátria é o mundo inteiro. Neno Vasco, o anarquismo e o sindicalismo revolucionário em dois mundos. Lisboa: Letra Livre.
- VEGLIANTE, Jean-Charles (1996), Gli Italiani all'estero: Tome 4, Ailleurs, d'ailleurs. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle.